

Eles não sabem o que fazem

25 MAI 1994

Cargos novos, com nomes estranhos, confundem e esvaziam concurso ao metrô

Kátia Marsicano

Nomes estranhos, funções desconhecidas. Pela primeira vez na história de Brasília, onde concursos públicos são familiares, um fenômeno preocupa o Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cesp) da UnB. Numa terra com 123 mil desempregados, o concurso do metrô espanta as pessoas. O motivo é simples: os nomes dos cargos. Sem saber quem é quem, quem faz o quê e — pior — se podem se candidatar àquilo que não sabem o que é, muita gente desiste ao ver o edital. O receio da coordenadora do concurso, Wânia de Aragão, é de que mais de 600 vagas sejam desperdiçadas por absoluto desconhecimento.

A maioria das profissões, na verdade, todo mundo conhece, só que com outro nome e, ao contrário do que se imagina, não é necessária qualquer especialização em cursos raros. Para se candidatar a uma vaga de agente de estação, ou cobrador, basta apenas o 1º grau, do mesmo jeito que para agente de segurança operacional, o famoso vigilante, ou auxiliar de manutenção. “São profissões com a cara do brasileiro. Quem não sabe fazer pequenos reparos, pintar uma parede?”, questiona a professora Wânia.

Para o futuro, ela anuncia concursos até para lavadeira e açougueiro, categorias já solicitadas pelo quadro de pessoal do Ministério da Educação.

A dúvida da população foi identificada por meio dos números. Até ontem ao meio-dia, por exemplo, as categorias mais procuradas eram agente e inspetor de estação que, para a coordenadora, destacaram-se mais por influência da mídia do que por consciência dos candidatos. Nos guichês de inscrição do Centro de Convenções, ela descobriu que a poucos dias do encerramento do prazo ainda é grande o número de pessoas sem saber o que fazer. Das funções que exigem 2º grau, como técnico em telecomunicações, havia pouco mais que cem candidatos.

“É preciso esclarecer que qualquer escola de 1º e 2º Grau tem um currículo compatível com o concurso. Depois de aprovadas, as pessoas serão treinadas e adaptadas ao trabalho do dia-a-dia”, avisa Wânia. Para facilitar a vida dos concorrentes, lembra que o Cespe preferiu não dar nomes de livros como referência de estudo, justamente porque são matérias comuns de currículo escolar.

Mais metrô na página 2

